

Distribuição faz o Brasil depender de fertilizantes importados

Problema está na exploração de jazidas de potássio e fósforo e na falta de logística nos transportes

ELEN LIMA

elen.lima@jppjournal.com.br

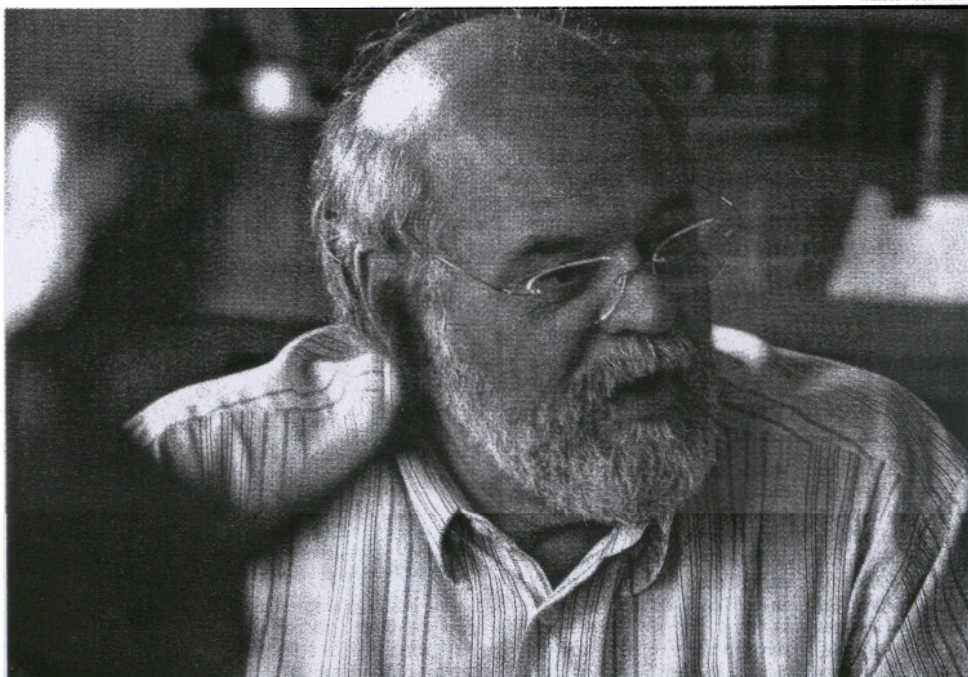
A distribuição de recursos naturais é o principal fator responsável pela dependência do Brasil de fertilizantes químicos estrangeiros para a agricultura. A análise é do diretor da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), Antonio Roque Dechen. O país importa grande quantidade de potássio e fósforo devido a problemas de exploração das jazidas e da falta de logística nos transportes. “Contamos com minas muito profundas e, portanto, pouco exploradas. O investimento tem de ser alto”, afirma o diretor.

Segundo dados fornecidos por Dechen, em 1963, o Brasil produzia 68% da formulação do fertilizante NPK (nitrogênio, fósforo e potássio), enquanto que, importava 32%. “Com o crescimento da demanda, hoje o processo se inverteu. Importamos 65% e produzimos somente 35% dos insumos”, aponta Dechen.

E a tendência, na sua opinião, é que haja um aumento da importação dos produtos. “Aqui no Brasil possuímos clima bom para a produção, fato que países como Canadá e Rússia, onde se encontram boas formações rochosas, não possuem”. No entanto a deficiência de locais que forneçam os componentes torna o Brasil dependente da importação. “Uma coisa compensa a outra”, observa Dechen.

Para se ter idéia, só o preço do fertilizante em reais subiu 73% em 12 meses até abril e mais de 40% neste ano, segundo o Índice de Preços por Atacado (IPA) da Fundação Getúlio Vargas (FGV). O glifosato, o herbicida mais usado nas lavouras de soja, também teve o preço reajustado em 70% com relação à safra passada. Para comple-

**Preço do
fertilizante
subiu 73%
em 12 meses
até abril**



Matheus Medeiros/JF

REALIDADE

Antonio Roque Dechen diz que o Brasil importa 65% e produz somente 35% dos insumos

tar o quadro de alta de custos, nas últimas semanas o óleo diesel, que movimenta as máquinas no campo, foi reajustado em 15% na refinaria. O reflexo destes valores pode ser observado no caso de sementes como o trigo, que teve aumento de 75%; como a soja e o arroz, em torno de 50% e, como o milho, de 43%, de acordo com a Associação Brasileira de Sementes e Mudanças (Abrasem).

A produção a partir de insumos naturais seria inviável, segundo

Dechen, devido à grande proporção que o setor tomou. “São as adversidades da vida. O Brasil, considerado país essencialmente agrícola, ser dependente de um componente básico para a produção”.

Mas, um produto desenvolvido recentemente pela Embrapa Agrobiologia pode ser uma esperança para reduzir a importação de nitrogênio, considerado um dos mais caros fertilizantes. O inoculante conta com bactérias fixadoras de nitrogênio, que aplicado na cana-de-açúcar promove o crescimento da planta sem o uso de fertilizante. “A pesquisa representa um avanço para o setor, podendo reduzir o uso do nitrogê-

nio significativamente. Hoje, são utilizados de 30 a 60 quilos por hectare/ano da substância nas plantações”, comenta a pesquisadora da Embrapa, Verônica Massena Reis.

Mas, por enquanto a pesquisa foi feita com a plantação de cana de primeiro ano. A intenção é ampliar a possibilidade de uso para as replantações da variedade. E se depender da boa vontade de investidores, o produto deve estar no mercado dentro de dois anos. “A indústria se mostra bem interessada”, diz Verônica. A espera agora é pela certificação por parte do Ministério da Agricultura. (com Agência Estado)